

O ÔNUS DO PRAZER: O APRENDIZADO DA SEXUALIDADE DE MENINAS EM CONFLITO COM A LEI

Silvia Piedade de Moraes¹; José Roberto da Silva Brêtas²

THE BURDEN OF PLEASURE: THE SEXUALITY LEARNING OF GIRLS IN CONFLICT WITH THE LAW

Resumo: Este artigo discute a construção da sexualidade feminina de adolescentes em conflito com a lei. De abordagem qualitativa, a pesquisa foi realizada com nove adolescentes do sexo feminino com o uso de entrevistas individuais. As representações sociais da sexualidade foram elaboradas a partir de seus conceitos sobre o tema, dos comportamentos aprendidos e vividos tal como o resultado da educação em sexualidade recebida por seus agentes. O prazer sexual foi um elemento de representação negativo para a maioria das adolescentes enfatizando que viver a sexualidade com prazer significa assumir um ônus social. Vergonha, medo, desigualdade, falta de liberdade e moralismo formam uma representação negativa da sexualidade feminina para o grupo pesquisado.

Palavras-chave: gênero; adolescência em conflito com a lei; comportamento sexual; representações sociais; sexualidade feminina

Abstract: This article discusses the construction of female sexuality of adolescents in conflict with the law. Qualitative approach, the research was conducted with nine female adolescents using individual interviews. Social representations of sexuality were drawn from their concepts on the subject of learned behaviors and experienced as the result of received sexuality education for their agents. Sexual pleasure was an element of negative representation for teenagers emphasizing that living the sexuality with pleasure means taking a social burden. Shame, fear, inequality, lack of freedom and moralism create a negative representation about female sexuality to the researched group.

Keywords: gender; adolescence in conflict with the law; sexual behavior; social representations; female sexuality

¹Pedagoga. Doutoranda e mestre em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo – Unifesp; especialista em Educação Sexual pela SBRASH; membro da SBRASH. E-mail: silviapmoraes@hotmail.com

²Psicólogo e enfermeiro; doutor em Enfermagem; docente no Programa de Pós-graduação em Educação e Saúde da Unifesp.

Introdução

Esta pesquisa foi desenvolvida no programa de mestrado em Educação e Saúde na Infância e Adolescência da Unifesp sob o título de “Sexualidade e gênero de adolescentes em conflito com a lei” e teve como objetivo conhecer as representações sociais da sexualidade, seus comportamentos, subjetividades e a educação em sexualidade recebida pelas adolescentes em liberdade assistida.

Há poucos estudos sobre a sexualidade das adolescentes em conflito com a lei e isso sugere que a pouca visibilidade no meio acadêmico desse segmento é uma reprodução do lugar que ocupam na sociedade. Mesmo assim, é um segmento repleto de paradoxos, já que se, por um lado, os psicodinamismos próprios da adolescência estão presentes, há também as peculiaridades próprias do sexo, gênero, classe social e de situação de cumprimento de medida socioeducativa.

Neste artigo mostraremos como o discurso do **ônus do prazer** é produto e processo já na fase da adolescência, e como ele aparece entre todos os agentes de disseminação da educação em sexualidade e dos roteiros sexuais, inclusive nas instituições de medida socioeducativa.

Metodologia

Participaram deste estudo qualitativo nove adolescentes do sexo feminino com idades de 14 a 19 anos em cumprimento de liberdade assistida no município de Guarulhos, São Paulo. Utilizamos a Teoria de Representações Sociais elucidada por Moscovici (1978; 2009) como forma de apreensão de crenças, conhecimentos e dos saberes populares de determinados grupos. A coleta de dados ocorreu em duas fases com entrevistas individuais. A primeira em uma breve coleta de informações sobre cada adolescente, como idade, escolaridade e família convivente³. Tal procedimento visou a construção de perfil das participantes. Na segunda parte, a entrevista individual baseou-se em quatro questões norteadoras: O que é sexualidade para você? Como você vive sua sexualidade? O que você já aprendeu sobre sexualidade? Onde busca ou buscou informações sobre sexualidade?

Resultados

Adotando os dois processos⁴ das representações sociais – ancoragem e objetivação –, os resultados foram categorizados: conceito de sexualidade, comportamento sexual e educação em sexualidade e organizados numa figura.

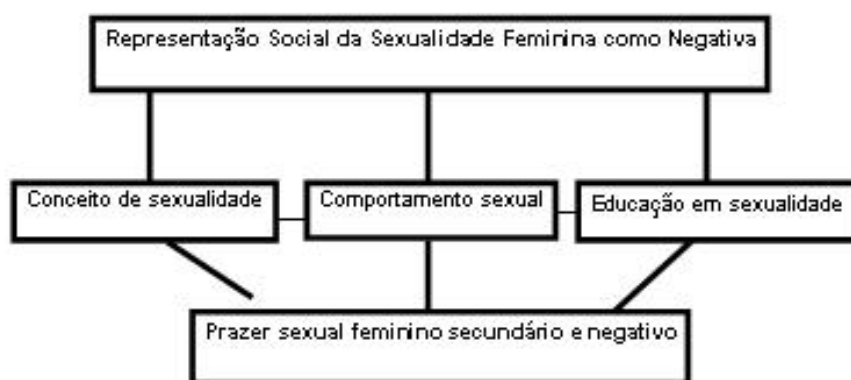


Figura 1. Representações sociais da sexualidade de meninas em conflito com a lei

³Família convivente, segundo Alves (2005), é o termo usado pelo IBGE para determinar grupos de pessoas, consanguíneas ou não que residem no mesmo domicílio. Optamos pelo uso do termo por perceber que os sujeitos deste estudo residem em domicílios nem sempre formados por parentes ou por somente parte deles.

⁴Ancoragem é o processo de tornar o desconhecido familiar, e a objetivação é o processo de organizar as ideias em uma figura imagética.

Discussão

Transgressão social e submissão sexual: o dilema das meninas

Para muitas pessoas é difícil conceber a ideia que o percentual de meninas em conflito com a lei vem crescendo. Em geral, essa perplexidade não questiona os aspectos da vulnerabilidade, mas sim, o mito de uma natureza feminina. Reconhecer que cada vez mais meninas cometem infrações, transgridem e agredem, fere as representações de docilidade e submissão atribuídas como da “natureza das mulheres”.

A crença em uma agressividade masculina e uma passividade feminina é, segundo Withaker (1988), uma força ideológica das quais insistem em afirmar que há diferença nas relações entre sexo e temperamento. O fato de essas adolescentes terem cometidos infrações (algo ligado à transgressão, agressividade e liberdade) não representou serem mais autônomas em sua sexualidade. Conforme Lamb (2001), as meninas recebem estigmas de submissão e passividade. Isso dificulta a realização de sua curiosidade sexual, impedindo muitas vezes que as importantes atividades lúdicas eróticas possam ocorrer com naturalidade no desenvolvimento da sexualidade.

A autonomia sexual, incluindo busca por prazer, segundo Vasconcelos (1994) se formará com as influências do meio e isso faz com que muitas vezes ela se consolide sob valores, sentimentos e práticas nem sempre positivos e saudáveis, acarretando inúmeras vulnerabilidades. Grande parte da nossa sexualidade é expropriada, e para as mulheres e meninas as questões sexuais são intensamente marcadas pelas diferenças de gênero, por isso, a sua reapropriação passa obrigatoriamente pelo questionamento dos modelos de “ser homem” e “ser mulher”.

A categoria “conceito de sexualidade”

Os conceitos de sexualidade não vieram isolados da forma como aprenderam em seu meio. Seu comportamento sexual ocorre justamente pelas crenças, concepções e aprendizados da sexualidade. Não há uma separação estanque entre eles. As adolescentes apresentaram uma visão ampla sobre sexualidade, com maior tendência a associá-la com a relação sexual.

“É uma palavra que tem diversos significados tanto como na parte de sexo masculino e feminino quanto da intimidade do ser humano.”

Azaleia, 17 anos

A alusão à sexualidade como ato sexual é constante e as meninas qualificaram a “sexualidade” de acordo com as condições em que elas estavam vivendo, como demonstrado neste diálogo durante a entrevista:

“No momento não está lá assim essas coisas [referindo-se à barriga de sete meses de gravidez]. Era bom, né.”

Você está falando de sexo, de transa?

“É.”

E o que é sexualidade pra você?

“Acho que faz parte também a transa. A sexualidade em termos geral eu não conheço muito bem, eu conheço mais a parte de doença, gravidez.”

Rosa, 16 anos

Rosa apresenta claramente que não vive um período muito prazeroso na sua vida sexual. O verbo no passado remete a uma impressão de tempo bom que pode não mais voltar.

Percebe-se um entrosamento entre sexualidade e vínculo, o que as adolescentes nomeiam relacionamento. Nas narrativas, ambas não se separam.

“É quando uma pessoa gosta da outra. Ah, pra mim é quando uma pessoa é companhia com a outra, não quer brincar com os sentimentos da pessoa. Quer (tipo) ter um relacionamento com a pessoa, como gostar da pessoa.”

Camélia, 18 anos

De acordo com Giddens (1993, p. 69) esta é uma concepção recente e afirma que “[...] um relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual [...] refere-se a uma situação de associar com outra pessoa [...]. O relacionamento puro é parte de uma reestruturação genérica da intimidade”. Assim, entende-se que Camélia amplia o conceito de sexualidade levando para dentro dele valores como fidelidade, respeito e companheirismo.

Essa também é a percepção de outras adolescentes. A sexualidade deve envolver valores e sentimentos, extrapolando a dimensão do prazer corpóreo.

“Pra mim sexualidade é o que a gente vive. É muita coisa.”

Sexualidade pra você é o que já acontece na sua vida...

“Não só na minha, mas na vida de todo mundo. Sexualidade é uma coisa que tem compartilhar você com um amor.”

Jasmin, 16 anos

Outro fator importante na concepção de sexo e afetividade é que as narrativas estavam carregadas também de um viés moralizante.

“Pra mim sexualidade é uma forma de estar conhecendo melhor seu parceiro e assim, dependendo do tempo que está namorando, é até bom. Eu aprendi que sexualidade não é um... tem muita gente que leva pra outro jeito...sei lá... um esporte, um gostar de fazer. Eu não... pra mim é uma coisa mais íntima, mais sua, mais pessoal, entendeu, a partir do momento que você gosta da pessoa.”

Dama da noite, 19 anos

Fazer sexo por prazer ainda tem conotação negativa para as mulheres. As adolescentes demonstram ter se apropriado dos conhecimentos sobre sexualidade, porém ainda concebem o prazer como negativo e repleto de culpa.

No Brasil, a construção do gênero e suas implicações na sexualidade feminina seguiu o curso de uma cultura patriarcal e falocêntrica que não deu espaço para o desenvolvimento de novas configurações, prazeres e *scripts* sexuais.

“Acho que para mim sexualidade é o que o homem sente pela mulher, uma atração. Eu acho que é uma troca de sentimento, ter tudo retribuído. Tudo que vai, volta. Então é uma troca de sentimento.”

Margarida, 16 anos

Das nove adolescentes entrevistadas, **uma** destacou a importância do prazer e evidenciou requerer para si o direito de senti-lo em suas relações. A capacidade de envolvimento esteve presente no discurso como uma alusão à entrega afetiva e sexual.

“Ah, sei lá. Tanta coisa. O tipo da coisa... Ah... Ter uma relação. É ter uma relação, se envolver, acho que é isso. É se relacionar. É se envolver, a pessoa sentir um prazer. É sentir um prazer. Duas pessoas sentindo prazer. Igual pra mim é sentir um prazer. Não adianta transar sem sentir prazer, pra mim não adianta nada.”

Orquídea, 17 anos

Através da narrativa, a adolescente se coloca em um lugar onde de fato sua presença deve ser valorizada por si e pelo outro: “Não adianta transar sem sentir prazer, pra mim não adianta nada”. A análise de Seixas (1998) evidenciou que muitas mulheres não conhecem o orgasmo ou seus corpos e não estão empoderadas em seus relacionamentos para exigirem prazer.

Essa diferença de percepção sobre o prazer entre a de Orquídea e das demais adolescentes deve-se ao fato de como cada uma delas tem lidado com a própria sexualidade. As dificuldades nos relacionamentos e nas relações sexuais, de acordo com Vasconcelos (1994, p. 9), atribuem-se “à maneira como pensamos, compreendemos e realizamos nossos atos no terreno afetivo e/ou sexual. Essa “maneira” significa o método que seguimos e do qual muitas vezes não temos consciência clara”.

Outro fator preponderante entre as adolescentes foi o uso da palavra “vergonha” antes das entrevistas. Falar sobre a sexualidade ainda é considerado legítimo quando se trata de “resolver problemas”, se não “os tem”, não há o que falar. A vergonha é uma extensão da culpa quando está relacionada à sexualidade.

“Sei lá. Tudo que a gente faz com... Nem com as minhas irmãs eu falo direito.”

Violeta, 14 anos

Segundo Lamb (2001), a sexualidade associada ao sexo e este como ato reservado, pode estar repleto de sentimentos de vergonha pela imagem interiorizada das proibições, do que se considera pecado, anormal, e como algo extremamente íntimo. Ao desvelar a sexualidade, revela-se também uma parte de si mesmo, de seus “eus” verdadeiros, já que os sentimentos eróticos são poderosos e as meninas precisam se apropriar deles.

Nas narrativas sobre o conceito de sexualidade das adolescentes emergiram a afetividade, a relação sexual, as diferenças biológicas e o prazer. De fato, essas dimensões estão arraigadas em muitos valores, aqueles do contexto, do ambiente e das representações sociais mais antigas que perduram há séculos. Por essas concepções foi possível perceber as nítidas diferenças de gênero e como o prazer feminino ainda está derivado do masculino.

A categoria “comportamento sexual”

Ao serem indagadas sobre “como você vive sua sexualidade?”, as adolescentes responderam destacando o termo “normal”. Essa referência

alude às experiências (ouvidas, vistas, indicadas) no cotidiano. De acordo com Bozon (2006) as experiências sexuais (como se faz ou se deve fazer) são construídas como *scripts* sexuais. Estão inscritas na consciência, internalizadas, apreendidas, interpretadas e manifestam-se como atos tão comuns que são relatados como “normais”.

“Pra mim normal. Tranquilo. Normal.”
Amor-perfeito, 18 anos

“Normal. Vivo normal.”
Camélia, 18 anos

“Ah, normal.”
Rosa, 16 anos

“Nada de mais. Eu não tenho namorado.”
Violeta, 14 anos

Segundo Heilborn (2006) a relação sexual é interpretada como espontânea, porém, é fruto de um aprendizado sutil e diário, por isso, pensa-se que é algo que já “nasce sabendo”. Este aprendizado recebe imensas influências baseadas nas diferenças de gênero. As definições do que é certo ou errado, na maioria das vezes, carregam estereótipos sexistas, homofóbicos e racistas e dão margem a classificações.

A “normalidade” apresentada nas narrativas trouxe também elementos contraditórios. A aparente normalidade é associada ao medo, à insegurança e a relações não-prazerosas para as mulheres dando uma conotação de que estes elementos na vivência da sexualidade possam ser considerados normais.

“Vivo normal. Com bastante medo, né. Muito medo às vezes, mas normal. Ah, muito tranquila. Eu tenho uma filha sem um companheiro (assim), então vivo normal no meu dia-a-dia normal.”

Você falou do medo, fala mais sobre isso.

“Ah, porque tem gente que pensa... tem gente que só quer “zuar” com a pessoa, não quer nada sério, só quer só brincar, então às vezes as pessoas se sentem muito inseguros.”

Camélia, 18 anos

Essa narrativa demonstra que a adolescente pode ter passado por experiências tristes em que sua confiança fora violada. Como visto antes, as adolescentes associaram muito o conceito de sexualidade a outros valores. A fidelidade esteve presente em seus discursos e a ideia de

exclusividade sexual é usada quando se projeta uma intenção de vínculo afetivo mais profundo em detrimento de outros como o “ficar”.

O medo em torno da sexualidade, segundo Vasconcelos (1994), existe desde tempos remotos. Ao contrário do que se pensa, o medo impede a autoproteção e inibe a possibilidade de busca por prazer. Ele passa a povoar os sonhos, cria obsessões, atitudes vitimistas, covardes, agressivas ou hipócritas diante do sexo. “Essa autoproteção inclui não apenas o corpo, mas também os sentimentos, as ideias e a personalidade” (VASCONCELOS, 1994, p. 49).

Algumas meninas responderam a pergunta enfatizando que a prática sexual ocorre no dia a dia com seus namorados, e destacaram que a prevenção é uma rotina e a atividade sexual auxilia a manter o relacionamento. De fato, é muito comum as pessoas associarem a infidelidade masculina e as separações a situações de culpabilização das mulheres. Quase sempre os discursos vêm carregados de exigências para que as mulheres façam “de tudo” sexualmente e quantas vezes for preciso para satisfazer seus parceiros (mesmo que não lhe seja prazeroso), caso contrário responderão pelo “fracasso” dos seus relacionamentos.

“Bem. Que da melhor forma possível eu tento levar, né, meu relacionamento. Importante.”

Margarida, 16 anos

A esse respeito Withaker (1988) enfatiza que constantemente a valorização do amor é utilizada dentro dos relacionamentos como mecanismos de poder muito diferentes entre homens e mulheres.

Para a única adolescente (Violeta, 14 anos) que se autodeclarou virgem o comportamento sexual (para ela) ainda não existe. No entanto, sua narrativa está impregnada de valores morais com abordagens diferentes para homens e mulheres. A diferença baseada no gênero embasa seu discurso atrelando a dignidade das mulheres à quantidade de parceiros afetivo-sexuais. Além disso, fica evidente a pressão do grupo para a iniciação sexual no caso da Violeta e difere da apresentada por Amor-perfeito.

O destaque para a vida social ampliada através do “sair” ganha importância para a vivência de relacionamentos afetivos (namoros ou ficadas). O “sair” é o primeiro item gerador de culpa e castigo para as meninas quando surge uma gravidez. A menina é quem deve arcar com

as consequências – o ônus – responsabilidade e perda da liberdade.

“Nada de mais. Eu não tenho namorado.”

Então você já se preocupa com isso (com a relação sexual)?

“Por causa das minhas amigas e tudo. Tipo elas já fazem, então... Eu nunca tive namorado. Sei lá. É tanta coisa. Ainda não me deu vontade de saber como é.”

Não teve?

“Não. Os meninos vêm e tudo, mas não tenho vontade de saber como é. Ah, e tem menina que fica com bastante menino. Aí fica mal falada. Eu acho criança do menino também, mas ela tá errada de ficar com muitos meninos. Não, não chegou minha hora ainda. Só que eu sou muito na minha, não sou de sair.”

Violeta, 14 anos

“Ah, eu perdi a virgindade novinha, com treze anos, mas não pela cabeça de ninguém foi decisão minha.”

Amor-perfeito, 18 anos

A iniciação sexual, ou a passagem à sexualidade com parceiro, como apresenta Bozon e Heilborn (2006) se realiza por etapas. Tal como a adolescente apresenta – ampliar a vida social, ficar ou namorar e vice-versa, explorar de forma mais profunda os contatos físicos e relacionais – e isso pode ser rápido ou levar vários anos. É através desses aprendizados que se conduz à sexualidade adulta.

Para as meninas com relacionamentos estáveis o ato sexual faz parte da rotina e a ênfase no discurso recai sobre as práticas preventivas e a moralização da conduta sexual das mulheres.

“Ah, normal. Não vivo muito, não. Meu relacionamento é mais com a pessoa que eu estou. Não é com quem encontra no bar e já quer me levar. Nisso aí eu sou prevenida, cuido de mim. É coisa séria, sabia. Depois que eu vi aquilo do HIV. Deus me livre.”

Rosa, 16 anos

“Ah é bom, bastante. Eu não sou daquelas meninas que fica por ficar. Eu gosto de ficar com alguém que eu vou me sentir bem. Tranquilo. Normal. Bem, se você não está gostando...”

Amor-perfeito, 18 anos

De fato, a sociedade em que vivemos ainda desconfia da dignidade e da moralidade das

mulheres que têm conhecimentos da vida sexual e que demonstram seus desejos. Para muitas meninas e mulheres a sua sexualidade está à mercê da sexualidade de seu parceiro.

Giffin (1999, p. 177) afirma que as mulheres que têm conhecimentos sexuais são afetadas em sua reputação. “Conclui-se que, nesse esquema, não há concepção do desejo feminino: a sexualidade feminina (que é) valorizada responde aos desejos de outros, não é um desejo ativo”. Isso é parte de uma visão patriarcal e androcêntrica.

Para as adolescentes com relacionamentos mais longos a percepção é de que muito da conduta sexual foi e é aprendida na prática diária. Tornar-se ativa sexualmente tem conotação de frequência e acúmulo de experiência. Há, novamente, o destaque para informar que o sexo acontece dentro de um relacionamento considerado sério.

“Na área íntima, bom atualmente eu não estou muito ativa. Eu estava namorando tudo bonitinho, tem uns dois meses que eu terminei o relacionamento, e foi praticamente dois anos que me relacionei com essa pessoa e a gente teve aquele contato físico, a tal da sexualidade. Eu acabei me tornando ativa com ele, porque ele era um rapaz de 22 anos e eu com dezessete. Fui amadurecendo de certo ponto com ele.”

Azaleia, 17 anos

“Eu namoro há quase dois anos. Voltei, terminava, voltava e terminava e aí a gente... faz sexo moderadamente. Ele também trabalha e eu tenho minhas coisas pra fazer e às vezes, só vejo no final de semana.”

Dama da noite, 19 anos

Mesmo assim, o comportamento preventivo mostra-se falho. A intimidade e a convivência não são garantias de práticas preventivas, ao contrário, são indicativos de fragilidade.

“Bom, é um pouco difícil, mas na hora do momento a gente tem que ter a cabeça no lugar. E falar “não” tem que ser desse jeito, tem que pensar no amanhã, a gente nunca sabe o que vai acontecer no dia de amanhã. É difícil, é um pouquinho ruim, mas tem que fazer.”

Azaleia, 17 anos

A prática sexual protegida não é um comportamento fácil de ser adotado e seguido, sobretudo para as meninas “pois isto implicaria

uma forma de previsão e, portanto, de postura ativa, deixando entender que elas são “experientes”, o que levanta dúvidas sobre sua moralidade” (HEILBORN, 2006, p. 37).

A narrativa da adolescente Dama-da-noite destaca uma forma de vulnerabilidade em relação ao comportamento sexual. Ao elucidar que “quebra a cara aqui e ali” e “vai maneirando” demonstra um comportamento típico de alguém que está em risco.

“Na experiência. Desde os meus quinze anos... conheço bastante coisa assim... Você vai conhecendo, quebra a cara ali, quebra a cara aqui e vai... e vai maneirando e vendo bem o que é que é.”

Dama da noite, 19 anos

Depois dessa afirmação a adolescente recebe uma indagação e contradiz sua narrativa a respeito do comportamento sexual e expõe informações não apropriadas veiculadas pelo discurso popular sobre o uso de anticoncepcionais. Se de fato, a adolescente utiliza a camisinha, isso representa um ganho em prevenção tanto pelas DST quanto pela gravidez.

Você não tem filho?

“Não. Não. Sou bem cautelosa.”

Você falou que é cautelosa, por quê? O que você faz que se acha cautelosa?

“Além de me prevenir tenho que gostar bastante da pessoa. Se eu num... aí nem tem entrega. Pode ser bonito, pode ser o que ser for... Eu tomava remédio, mas engorda muito. Então só camisinha mesmo.”

Dama da noite, 19 anos

Elementos como culpa e medo apareceram repetidamente nas narrativas das adolescentes. A trajetória histórica da sexualidade feminina tem mostrado que o empoderamento das mulheres tem chegado mais rápido às esferas públicas do que no campo do privado, em especial da intimidade e da sexualidade.

A categoria “educação em sexualidade”

A categoria com o maior número de elementos foi sem dúvida aqueles a que chamamos de “educação em sexualidade”. As riquezas das narrativas elucidaram ainda a necessidade de di-

vidir a categoria em duas vertentes: o **tipo** de informação e o **agente** da informação⁵.

Essa necessidade emergiu a partir da percepção de que os tipos de conhecimentos, saberes e informações eram não só diferentes em profundidade e cientificidade, como também seus objetivos e a capacidade de serem aprendidos estavam atrelados aos agentes da informação.

Os agentes da informação foram diversos e cumpriram papéis de formas diferenciadas. Segundo Bozon e Heilborn (2006) a forma como os adolescentes obtêm suas informações sobre sexualidade diferenciam-se de acordo com o lugar atribuído a cada um dos agentes (famílias e pessoas de destaque da família, grupos ou pares, membros do mesmo sexo ou oposto, fontes de informação coletivas – TV, revistas, filmes, instituições etc.).

Os grupos de amigos adolescentes tiveram maior influência nas informações de cunho mais íntimo. A troca de informações difere muito daquelas abordadas pelos demais. A afetividade, a necessidade de compor vínculo para o sexo, o “como se faz” e o prazer são mais falados entre amigas.

“Ah, com amigas eu tinha mais intimidade. Com minha prima, que considero como tia. Eu tinha mais intimidade com ela.”

Amor-perfeito, 18 anos

“Inclusive quando eu tinha 15 anos uma prima minha que tinha 12 falava coisas que eu mesma não tinha feito. Inclusive ela tem 15 anos e tem um filho de um ano.”

Dama da noite, 19 anos

“Na Fundação Casa conversava bastante com outras meninas.”

E com as amigas (o que se falava)?

“Era “ai eu daquele jeito”, aquele “acho que não é limpo”, “aquele eu não fico acho que tem alguma coisa”, bem mais íntimo (sobre os meninos da ala masculina).”

Amor-perfeito, 18 anos

“É entre as meninas também (sobre as amigas da Fundação Casa).

Jasmin, 16 anos

Embora com maior influência no campo da intimidade, as informações obtidas horizontalmente, ou seja, entre os pares, muitas vezes

⁵Como agentes das informações, consideramos as pessoas, grupos ou instituições responsáveis pela disseminação das informações em sexualidade.

nem sempre são corretas. Tal como vimos, o grupo de amigos pode pressionar a adolescente a certos comportamentos arriscados. Como o caso das informações errôneas e contraditórias passadas por meninos primeiro, e a seguir, as falas de amigas à adolescente Violeta, em seguida como as meninas na Fundação Casa julgavam pela aparência os meninos que possivelmente tinham doenças.

“Que homem é mais fácil pegar doença que mulher, que é mais fácil pra ficar machucado. Que não vai com qualquer menina, que pode ter doença, não é só o menino que tem. Ah, fala tanta coisa. Sei lá. A gente fala que tem usar camisinha e outras (meninas dizem) que nada, não acontece nada. Aí eu falo “que nada, vai nessa”.”

Violeta, 14 anos

Era “ai eu daquele jeito” aquele “acho que não é limpo”, “aquele eu não fico **acho que tem alguma coisa**”, bem mais íntimo (sobre os meninos da ala masculina).”

Amor-perfeito, 18 anos

Essas informações incorretas que circulam entre os jovens estão ainda arraigadas no imaginário de um grande número de pessoas, demonstrando que estereótipos de gênero ainda estão presentes; e mesmo sabendo da importância do preservativo, as meninas podem ter a fantasia (próprias da infância e da adolescência) de que certas coisas ruins nunca acontecerão com elas.

O agente da informação que esse grupo de adolescentes destacou seguidamente aos pares foi a instituição de medida socioeducativa. Duas adolescentes declaram ter cumprido medida de privação de liberdade na Fundação Casa, e percebe-se nas narrativas que a Fundação Casa teve mais importância na educação em sexualidade para estas meninas que a própria família e que a escola.

As narrativas sobre os tipos e as formas de educação em sexualidade recebidas na Fundação Casa seguem um modelo médico-higienista, porém, transmitem informações mais seguras que os pares.

“Onde eu estava, que eu fiquei presa na Fundação Casa, conversava bastante com outras meninas, tinha grupo. Então eu conversava bastante.”

O que era falado?

“Se prevenir essas coisas. Ah, se prevenir, usar camisinha, tomar remédio, passar no ginecologista. Tinha enfermeira. Tinha uma equipe.

Ah, sobre doenças, elas mostravam vídeos de doenças, como se prevenir, tinha uma tabela com camisinha, injeção, pílula. Também pode pegar uma doença e também filho eu não quero, sou muito nova pra ter filho.”

E agora? Depois que saiu?

“Ah, agora com dezessete eu conversei mais, porque eu nunca tive muita intimidade com minha mãe. Bom, minha mãe conversa bastante comigo em casa.”

Alguém mais?

“Meu namorado.”

E você tem aprendido com ele?

“Eu acho que ele mais, porque ele é mais novo.”

E na Fundação falava mais do quê?

“Doenças, vídeos, fala de também de como prevenir, pra quem gostava de mulher também tem como se prevenir.”

Lá foi o único lugar que tratou deste assunto (da homossexualidade)?

“Sim.”

Amor-perfeito, 18 anos

A adolescente atribui a ideia de que os saberes da sexualidade são acumulados pela idade e não pelas experiências e informações adquiridas ao longo da vida. Por ser mais velha que o namorado acredita ter “mais” a ensinar. A instituição não abordou em nenhum momento a importância e as possibilidades de se ter prazer nas relações sexuais.

“A maioria na cadeia (das coisas que aprendeu). Quando eu fui presa aprendi bastante coisa lá dentro. Mas quando eu estava fora minha mãe também falava pra prevenir, sempre me orientava assim. Lá dentro eles ensinavam várias coisas, higiene, pra gente se prevenir, pra não engravidar, várias coisas.”

Onde mais você aprendeu sobre sexualidade?

“Na Fundação, com minha mãe, com o namorado. Assim aprendendo no dia a dia, na prática. Conversando com as colegas também.”

Eles (na Fundação Casa) faziam um grupo com enfermeira e falava pra se prevenir, não pegar doença. Usar camisinha pra não pegar doença, usar camisinha com o parceiro também, higiene. Aprendi bastante sobre higiene lá. Falava também de mulher com mulher, homem com homem, mais mulher com mulher.”

E sua mãe falava o quê?

“Em prevenir.”

E hoje?

“Sempre ela fala – “Toma cuidado pra não pegar barriga, menina”. Quando eu saio com meu namorado ela fica falando. Eu sou

muito, nova não quero ter filho agora.”
Jasmin, 16 anos

A ordem como a Jasmim apresenta os agentes das informações denota a importância que atribui a cada um deles neste processo – “na Fundação, com minha mãe, com o namorado, no dia a dia e com as colegas também”. Como enfatizou Bozon e Heilborn (2006) e confirmadas neste estudo, as informações são diferenciadas de acordo com o contexto de quem as transmite. Segundo os autores, as informações sexuais (sobre quando ter relações, o que fazer ou não) são praticamente personalizadas, já que tendem a ser transmitidas pelos pares (grupos de amizades) e pelas mães. Por isso, essas informações vêm carregadas de vivências e crenças de quem as passam. Em seguida, vieram as informações institucionais, que prezam em larga escala pela prevenção da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis. O pai nunca é citado como informante.

A única referência à homossexualidade apareceu nas narrativas das adolescentes que cumpriram medida na Fundação Casa. Como dito antes, essa é uma informação personalizada pelo contexto e de acordo com o apresentado não fugiu ao foco da prevenção. Para a adolescente Orquídea, a instituição de liberdade assistida teve um papel muito importante nas informações que adquiriu.

“Ah, aprendi várias coisas, que doenças que pega, o HIV. Aprendi aqui [referindo-se a instituição de LA]. Aprendi aqui que não é só usar camisinha para não engravidar, também é para prevenir as doenças. Não adianta sair com menino... Aprendi aqui no LA, teve uma palestra, entendeu, aí veio um médico, conversou com nós, explicou, mostrou as doenças. Estou aprendendo aqui. Se não fosse aqui eu nem sabia que era essas doenças. Foi aqui que me incentivou a usar camisinha, senão eu era maior Look [loque= louca]. Então, mas aprendi aqui.”

Em algum lugar mais (você busca essas informações)?

“Todas da LA.”

E o que mais você aprendeu?

“Isso também é normal. As doenças depois que eu vi aqui, que mostrou, meu Deus! Eu sei que o HIV vem o primeiro o vírus e que depois é que vira Aids. Aprendi sobre os remédios, anticoncepcional, a injeção que tem de 3 meses, que nós temos que passar no ginecologista também. O ginecologista é o mais importante para saber se não está com nenhuma doença. Se não pegou HIV.”

Orquídea, 17 anos

Embora a instituição tenha abordado a sexualidade com as adolescentes, a ênfase institucional está nas questões de saúde, voltadas para a “ausência de doença”.

As equipes de fora trazidas para este trabalho podem oferecer informações seguras, porém, em palestras ou encontros casuais um número grande dessas mesmas informações não são sequer apreendidas. Além disso, volta-se para uma pedagogia da sexualidade extremamente médico-higienista, onde o foco são as doenças e não o prazer; a medicalização do sexo e não o desenvolvimento da sexualidade; a verbalização de nomenclaturas e não o conhecimento do corpo; a idealização do outro e não a aceitação de si.

A educação em sexualidade exercida pela escola não foi muito diferente da enunciada pelas instituições socioeducativas. Os temas abordados estão voltados para as doenças e depois para a prevenção da gravidez.

E o que mais fala na escola?

“Ficou muito na prevenção por doença, só com AIDS. Hoje tem um certo preconceito na sociedade, então sempre foi em direção à prevenção.”

Azaleia, 17 anos

“É assim, eu procuro ler sobre essas coisas, participo de palestras quando tem em escola em algum lugar, assim, participo de palestra e também converso bastante com meu parceiro sobre isso. Acho que é importante também.”

E o que fala na escola?

“Doenças. Prevenir também as doenças, gravidez.”

Rosa, 16 anos

“Na escola, nos cursinhos que fiz, eles sempre falam sobre isso. Já falava de doença e aí a gente fica com medo.”

Dama-da-noite, 19 anos

O tipo de abordagem médica e pedagógica utilizada pelas instituições citadas evidenciou que subjetivamente tem-se construído uma ideia de medo sobre a vivência da sexualidade. Conforme Vasconcelos (1994), essa ideia de educação baseada na profilaxia (grego – *prophylaxis* – proteção e cuidado) foi um forte argumento para a entrada da saúde na educação. Entretanto, se a profilaxia sexual não orientar os jovens ao desenvolvimento do *ser* e do *ter*, eles terão dificuldades em estabelecer uma vida sexual amorosa e autônoma

A figura da mãe não esteve como primeiro agente da informação em sexualidade. Embora as narrativas sempre abordassem de início a mãe como informante, esse discurso era desconstruído ao longo da fala, colocando a entrada da figura materna na educação em sexualidade somente após o início da atividade sexual. Outras mulheres da família também apareceram nesta ordem.

“Elas (irmãs) vivem conversando isso comigo e minha mãe também. Com a minha mãe nem tanto, mas ela me aconselha, fala toma cuidado... Minha mãe fala pra não sair com qualquer pessoa. Ah, elas (irmãs) falam pra prevenir, que quando elas tinham a minha idade elas não pensaram. Minha irmã ficou grávida com 12 anos, outra com 15, a outra com 16. Essa de 12 fala “eu me arrependi”. E minha mãe dava bastante conselho pra ela. Ela saiu de casa porque ela quis.”

Violeta, 14 anos

“Não. Eu falei minha prima porque eu conversava muito com ela, mas tem minha mãe, minha avó. Quando eu fiz 14 anos e quis namorar, elas já me pegaram... e “vem cá – pelo amor de Deus”...”

E quando sua mãe e sua avó falaram você já tinha relações?

“Antes. Foi bem antes.”

Dama-da-noite, 19 anos

“Eu acho que tudo começa com uma conversa, então assim, antes desse relacionamento eu sempre fui aberta com a minha mãe, a gente sentava, conversava, ela colocava em jogo, explicava pra mim situações que ela já passou, usava como exemplo, e por eu ser a única menina dentro de casa eu me tornava muito amiga da minha mãe. Ela me contava coisas e ela queria que eu fosse aberta com ela também como ela era comigo. Então neste relacionamento, até da primeira vez que a gente fez eu cheguei na minha mãe e mesmo assim ela continuava dando conselho.

Eu concordo que no comecinho minha mãe sentava comigo pra conversar destas coisas eu ficava com vergonha. Ficava sem jeito, mesmo não falando nada só de escutar minha mãe falando essas coisas eu ficava com receio. Só que o tempo foi passando e eu fui conhecendo, quando eu fui para fisicamente, saí da teoria, então acabei me tornando amiga da minha mãe e confiando nela pra contar as coisas.

Só que a minha mãe fala comigo do aborto. Ela não me espanta, “se ficar grávida você vai embora de casa”, ela fala que vai me acolher só que é uma **certa responsabilidade**

que eu vou estar ganhando da vida. **Então eu vou estar perdendo o meu direito de sair**, aquela bagunça com as amigas, então **eu vou estar perdendo muita coisa** devida a uma... não coloco uma irresponsabilidade porque pode acontecer com qualquer um, mas uma atitude minha **eu vou estar pagando para o resto da minha vida.**”

Azaleia, 17 anos

“Ah, através da minha mãe, conversando com minha mãe, também através da minha filha, porque eu tenho uma filha agora. Ah, converso muitas coisas, converso como prevenir, (tipo), porque quando eu era mais nova **não perguntava nada para minha mãe até que tive uma filha**. Nunca perguntei isso para minha mãe. Tinha vergonha de chegar na minha mãe para perguntar essas coisas pra minha mãe, **depois que eu tive minha filha que comecei a perguntar esses negócios**, mas através disso antigamente eu tinha vergonha, **até que eu engraidei.**”

E o que ela falava?

“Me dava muito conselho, dava lições pra ir no posto, tomar remédio, injeção. Porque uma criança até é bom, agora uma doença (né).”

Camélia, 18 anos

Bozon e Heilborn (2006) estabelecem que as diferenças de gênero na socialização e aprendizado da sexualidade são bem evidentes. A mãe é uma fonte de informação importante das meninas, sobretudo no que diz respeito à gravidez. Ficou explícita a preocupação das mães e das demais mulheres da família sobre a gravidez, a contracepção e a ênfase dada aos aspectos negativos da sexualidade e de uma gravidez na adolescência.

Essa tendência em apresentar os aspectos negativos da sexualidade apresentados pelas mães e demais mulheres da família tem duplo aspecto: primeiro a exposição de suas próprias percepções e vivências, segundo, aquilo que Vasconcelos (1994) chama de educar para a submissão. No primeiro caso, as percepções de uma sexualidade reprimida, carregada de ônus social e não prazerosa fica bem evidente na narrativa de Violeta sobre a sequência de gravidezes na adolescência das irmãs e a insatisfação pessoal gerada.

A educação para a submissão, na maioria das vezes, não é uma ação consciente. Segundo Vasconcelos (1994), razões históricas e sociais explicam por que as mulheres auxiliam na manutenção desses estados de sexualidade reprimida e doentia. A proteção de uma educação que a prejudica tem

uma história milenar de exigências para serem “doce, meigas e submissas” como forma de sobrevivência em um mundo patriarcal no qual suas vidas estiveram à mercê da manutenção da “moral” dos homens que delas dependiam.

A narrativa de Azaleia foi a única que mostrou um vínculo conciso com a mãe ao tratar da sexualidade. Bozon e Heilborn (2006, p. 191) afirmam que “quando as mulheres trocam informações com suas mães durante a fase de socialização à sexualidade, o nível de comunicação com o parceiro tende a ser mais elevado” e de fato mais adiante veremos como a adolescente expõe seu diálogo sobre sexualidade com o namorado.

Não é aleatório que as mães enfatizam muito a gravidez e a maternidade. Giddens (1993) afirma que essa atuação das mães tem consequências psicológicas profundas e compõe aspectos importantes das diferenças entre os gêneros. As impressões de *sua* maternidade vêm carregadas das “verdades” que transmite às suas filhas.

A insistência das mães e demais mulheres da família sobre as intempéries da vida sexual ecoam da pressão psicológica feita às adolescentes para seguirem um caminho que elas julgam como certo – aquele diferente dos trilhados por elas. A narrativa de Violeta sobre a irmã ousada que sai de casa mesmo contra os conselhos da mãe evidencia isso. Ou seja, como Withaker (1998, p. 35), afirma “a vida de certas mulheres consiste em construir os caminhos que permitem a realização dos outros. Não há autoestima que resista”.

A aprendizagem da sexualidade também ocorre com seus parceiros. Casadas, namorando ou ficando, as adolescentes abordaram que ocorrem inúmeras descobertas no dia a dia com a experiência. De fato, a sexualidade não é uma linha retilínea com um fim. A sexualidade se desenvolve no decorrer de toda a vida e se transforma pelas múltiplas experiências. Os parceiros foram apresentados como jovens e nas narrativas foram colocados como aprendizes também da sexualidade.

“Eu já tinha certo conhecimento de como fazia, como a gente se prevenia. E só foi fortalecendo meu conhecimento e aprendendo coisas da vida e assim a gente foi seguindo.”

E o que vocês foram aprendendo?

“Ah, como se prevenir, o uso da camisinha que é muito importante, o anticoncepcional, diversos fatores que a gente pode tá usando pra se prevenir quanto doenças, quanto para gerar uma criança.”

Azaleia, 17 anos

“É assim, eu procuro ler sobre essas coisas, participo de **palestras quando tem em escola, em algum lugar assim, participo de palestra e também converso bastante com meu parceiro sobre isso. Acho que é importante também.**”

Rosa, 16 anos

Aquilo que se discute com os parceiros demonstrou ser diferente dos assuntos discutidos com os demais agentes. A convivência das adolescentes com seus parceiros denotaram também a cumplicidade e afetividade vivida entre eles.

Agentes da informação, principalmente as mães e as instituições, têm reforçado aos sujeitos e estes reelaborados o ônus da sexualidade feminina e a vinculação geral da educação em sexualidade com saberes sobre doenças e gravidez.

No contato com amigos, familiares, profissionais de instituições, professores, parceiros e mídia, os/as adolescentes buscam não só conhecimentos da vida erótica e amorosa, mas estão também buscando partes de sua identidade. O estudo demonstrou que com os amigos e parceiros, as informações iam diretamente aos saberes que ficam mais obscuros na sociedade que só são falados em clima de intimidade. Paradoxalmente, as adolescentes encontram esse clima de cumplicidade em que as informações não são seguras, e os adultos responsáveis pelos adolescentes (familiares, professores, orientadores) não conseguem desenvolver tal clima, afastando-os de informações importantes.

A educação, como vimos não somente a escolar, tem mecanismos fortes para a manutenção e produção da docilidade e submissão das meninas. Variam no tempo, no lugar e no contexto, mas estão presentes. De acordo com Whitaker (1998), as adolescentes devem aprender a identificá-los para, então, neutralizar seus efeitos; é o caminho para a autonomia.

Para as meninas há sempre mais desafios no campo da sexualidade.

Considerações finais

As representações encontradas mostraram que os saberes da sexualidade estão relacionados a doenças e prevenção de gravidez, e que cabem às mulheres o ônus de tais aspectos. Isso as fazem viver e falar sobre a sexualidade destacando tais aspectos de forma negativa.

A instituição de medida socioeducativa ganhou mais importância que a escola e as pessoas da família, mesmo que os saberes institucionais tendes-

sem a uma educação baseada na relação doença/saúde.

Uma visão negativista da sexualidade e sobre os seus conhecimentos são incorporados e remodelados nos comportamentos sexuais enfatizando a busca pelo prazer com um ônus repleto de consequências – perda da liberdade, afastamento dos estudos, dependência financeira prolongada e a manutenção de relacionamentos infelizes.

O comportamento sexual desvelou também inúmeras subjetividades. Vergonha, medo, diferenças de gênero relativas ao prazer e liberdade sexual, moralismo e visão negativa sobre a sexualidade feminina apareceram nas narrativas marcando um ônus para as meninas e para as mulheres. Tristezas relacionadas à infidelidade masculina, relação sexual como “arma” feminina para manter relacionamentos, gravidez na adolescência que implicaria na perda da vida social e na diminuição de possibilidades de trabalho e escolarização são alguns exemplos do ônus da sexualidade feminina que carrega em si o prazer para a responsabilidade e felicidade do outro.

As representações sociais encontradas sobre sexualidade de adolescentes em conflito com a lei refletem inúmeros paradoxos. Embora os sujeitos já percebam a importância dada ao prazer, ainda julgam as mulheres que o busca de forma mais livre. Fala-se de doenças sexualmente transmissíveis e diferentes, de formas de prevenção de gravidez, no entanto, quase metade das adolescentes foi mãe na adolescência. Narra-se a “normalidade” da vida sexual, mas o medo, a vergonha e a culpa são elementos mais presentes no que tange à vivência da sexualidade e suas responsabilidades. Esses paradoxos mostram que há um abismo entre o que se diz saber e como de fato se vive, revelando uma distância entre discurso e comportamento, embora ambos estejam arraigados, a mudança é lenta e gradativa.

Referências

ALVES, José Eustáquio Diniz. A definição de família convivente do IBGE: cuidados metodológicos necessários. In: *Aparte- inclusão social em debate*. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 1-4, 2005. Disponível em < http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/notametodologica_familiasconviventes.pdf >. Acesso em: 23 jun. 2012.

BOZON, Michel. HEILBORN, Maria Luiza. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interação de gênero e trajetórias individuais. In: HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela; BOZON, Michel; KNAUTH, Daniela Riva (Orgs.) *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasilei-*

ros. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade: a vontade de saber*. 20ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

GIFFIN, Karen. Poder e prazer: considerações sobre o gênero e a sexualidade feminina. In: RIBEIRO, Marcos. (Org.). *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde* (volume 1). São Paulo: Gente, 1999.

GONÇALVES, Eliane. Preconceitos, fobias e outras sombras que pairam sobre a educação sexual. In: RIBEIRO, Marcos. (Org.). *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde*. São Paulo: Gente, 1999. v. 1.

HEILBORN, Maria Luiza. Fronteiras simbólicas: corpo, gênero e sexualidade. In: PITANGUY, Jaqueline; MESQUITA, Ruth (Orgs). *Corpo, gênero e enfermagem*. Rio de Janeiro: CEPIA, 2002.

HEILBORN, Maria Luiza. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela; BOZON, Michel; KNAUTH, Daniela Riva (Orgs.) *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

LAMB, Sharon. *A vida secreta das meninas*. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SEIXAS, Ana Maria Ramos. *Sexualidade feminina: história, cultura, família, personalidade e psicodrama*. São Paulo: Senac, 1998.

VASCONSCÉLOS, Naumi. *Sexo: questão de método*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1994.

WHITAKER, Dulce. *Mulher e homem: o mito da desigualdade*. São Paulo: Moderna, 1988. (coleção polêmica).